



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

JOANNA CAVALCANTE PINHEIRO FARIAS

DIÁLOGOS E DEBATES INTERCULTURAIS: SOCIEDADE E RELIGIÃO NOS ESPAÇOS  
DO ROMANCE *O SÉTIMO JURAMENTO*, DE PAULINA CHIZIANE

REDENÇÃO - CEARÁ

2014

JOANNA CAVALCANTE PINHEIRO FARIAS

DIÁLOGOS E DEBATES INTERCULTURAIS: SOCIEDADE E RELIGIÃO NOS ESPAÇOS  
DO ROMANCE *O SÉTIMO JURAMENTO*, DE PAULINA CHIZIANE

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof(a). Dr(a). Izabel Cristina dos Santos Teixeira

REDENÇÃO - CEARÁ

2014

JOANNA CAVALCANTE PINHEIRO FARIAS

DIÁLOGOS E DEBATES INTERCULTURAIS: SOCIEDADE E RELIGIÃO NOS ESPAÇOS  
DO ROMANCE *O SÉTIMO JURAMENTO*, DE PAULINA CHIZIANE

Monografia de conclusão de curso apresentada  
ao Curso de Bacharelado em Humanidades do  
Instituto de Humanidades e Letras da  
Universidade da Integração Internacional da  
Lusofonia Afro-brasileira, como requisito  
parcial à conclusão do curso.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

1º Examinador: Profª. Drª. Izabel Cristina dos Santos Teixeira - Orientadora

---

2º Examinador: Prof.

Profº. Dr. Gledson Ribeiro de Oliveira

---

3º Examinador: Prof.

Profº. Dr. Luis Tomas Domingos

---

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me conceber a vida e os dias que me fizeram chegar até aqui após um longo processo de estudo repleto por semanas um tanto quanto difíceis;

À a minha professora e orientadora Dra. Izabel Cristina Teixeira, que me apresentou a esse universo da literatura africana e estimulou seu estudo;

Aos professores do curso de Bacharelado em Humanidades que ajudaram na contribuição de material para este trabalho: Dr. Bas'llele Malomalo, Dr. Bruno Okoudowa e Dr. Fábio Baqueiro. Mais além, gostaria de agradecer ao professor Luis Tomas Domingos, que me inspirou em sua paixão pela História da África. Ao professor Gledson Ribeiro memoráveis aulas de Sociologia;

À minha mãe, Marygidiane Cavalcante, que sempre confiou em meu potencial;

Aos amigos que tiveram paciência nos dias de correria de pesquisa e se propuseram a estar ao meu lado em todos os momentos;

E agradeço, em especial, ao meu companheiro, Kayke Victor, que com suas chegadas trouxe paz e tranquilidade mesmo nos dias difíceis. Obrigada por não me deixar desistir.

*“Um leitor vive mil vidas antes de morrer, o  
homem que nunca lê vive apenas uma.”*

(GEORGE R R MARTIN)

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar o funcionamento dos embates culturais entre a tradição (predominantemente percebida no espaço rural) e modernidade (influência do colonizador português, espaço urbano) dentro da sociedade moçambicana, precisamente na região de Zavala, localizada ao sul de Moçambique, e representada no romance *O sétimo juramento* (2000), de Paulina Chiziane. A região é área de domínio do grupo étnico banto, cujas práticas sócio-culturais são interpretadas pelos estudos de ALTUNA (1985?). A história se passa após a conquista de independência política de Moçambique (25 de junho de 1975) e traz à tona um conflito de ideais identificado sobretudo no personagem David que, aproveitando-se do *status quo* alcançado por sua participação na luta de independência, enriquece e conquista poderes, na atualidade, a partir de práticas excusas que contrariam os projetos iniciais em prol da emancipação do país.

**Palavras-chave:** Conflitos interculturais. Pós-colonialismo. Moçambique.

## **ABSTRACT**

This work aims to present the functioning of cultural clashes between tradition (predominantly perceived in rural areas) and modernity (influence of the Portuguese colonizers, urban space) within Mozambican society, precisely in the region of Zavala, located south of Mozambique, and represented in the novel *The Seventh oath* (2000), Paulina Chiziane. The region is the domain area of the Bantu ethnic group, whose socio-cultural practices are interpreted by studies ALTUNA (1985?). The story takes place after the conquest of political independence of Mozambique (June 25, 1975) and brings out a conflict of ideals identified mainly on the character David, taking advantage of the status quo achieved by their participation in the independence struggle, enriches conquest and power, today, from apologies practices that contradict the initial projects to promote the emancipation of the country.

Keywords: Intercultural Conflict. Postcolonialism. Mozambique.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1 – LITERATURA AFRICANA .....</b>	<b>11</b>
1.1 Paulina Chiziane na literatura moçambicana .....	12
1.2 <i>O sétimo juramento</i> (2000): uma abordagem crítica .....	13
<b>CAPÍTULO 2 – OS BANTO E A INTERFERÊNCIA DA CULTURA PORTUGUESA .....</b>	<b>16</b>
2.1 Religião banto .....	18
2.2 Sociedade banto .....	23
<b>CAPÍTULO 3 – DISCUSSÃO E DEBATE INTERCULTURAIS: UMA LEITURA CRÍTICA .....</b>	<b>26</b>
3.1 Meio urbano .....	27
3.2 Meio rural .....	29
3.3 Entre Urbano e Rural .....	30
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>



## INTRODUÇÃO

O desejo de estudar mais profundamente a literatura africana se deu a partir dos resultados obtidos em um projeto de iniciação científica na Unilab (2013-2014), intitulado *O lugar de habitar: configurações e reconfigurações na literatura moçambicana*.

Por meio da leitura de *O sétimo juramento* (2000), da moçambicana Paulina Chiziane, foi desenvolvido um estudo crítico, resultando em apresentações em eventos: início do projeto: II SIC (UNILAB E URCA, 2013); conclusão do projeto: mesa redonda *O mundo multiforme de Paulina Chiziane*, com os professores Sávio Roberto Fonseca de Freitas (UFRPE) e Algemira de Macedo Mendes (UESPI), no evento GRIOTS (UFRN, 2014).

A partir dos aspectos encontrados na literatura de Chiziane e nas leituras críticas, no decorrer da pesquisa, assim como nos conhecimentos adquiridos nas disciplinas do Bacharelado em Humanidades na Unilab, surgiu o interesse em produzir um trabalho que discutisse questões inerentes às sociedades africanas. Assim sendo, houve um retorno à leitura da obra analisada anteriormente no projeto de iniciação científica, já com a ideia de compreender aspectos culturais do povo africano, especificamente voltada para a região de Moçambique do que resultou o estudo aqui apresentado.

Neste sentido, é possível afirmar que a literatura em África desempenha, entre outras abordagens, um papel de importância em múltiplos aspectos (histórica, cultural e social) para os africanos, como um todo.

As narrativas da literatura africana, de um modo geral, exibem representações da cultura e da tradição de povos, tanto autóctones quanto os que foram trazidos pela colonização ocidental. Ambos, certamente, sofreram movimentações e interferências mútuas, desde o período colonial, quando os europeus forçaram a fixação de sua cultura, costumes e religião aos africanos, desconsiderando o modo de como as sociedades locais viviam. Tais situações são descritas por muitos críticos, como Inocência Mata (2001); Carmem Lúcia Tindó Secco e Maria Geralda de Miranda (2014) em análises de romances referentes à África. Assim sendo, a literatura africana é,

possivelmente, uma base muito oportuna para o estudo de espaço, tradições e culturas, proporcionando novos saberes e reflexões sobre o continente, que são o foco de interesse desta pesquisa, porém com o recorte voltado em torno da região de Moçambique.

Paulina Chiziane, a autora de *O sétimo juramento* (2000), é pouco conhecida no Brasil, tendo apenas uma obra publicada aqui: *Niketche: uma história de poligamia* (2004). Ela já veio ao país diversas vezes para participar de eventos literários, sendo último a Bienal do Livro (2012), em Brasília.

Assim, diante da escolha do tema, qual seja “Diálogos interculturais”, este trabalho apresenta a seguinte estrutura:

O primeiro capítulo, **Literatura Africana**, dividido em tópicos, apresenta os caminhos da literatura africana como elemento que constituem a cultura tradicional africana e a influência da colonização portuguesa, além de abordar crítica a respeito da obra de Paulina Chiziane.

O segundo capítulo, **Os banto e a interferência da cultura portuguesa**, apresenta este grupo étnico fortemente representado no romance cuja área de domínio é o meio rural que se opõe o espaço ocupado pela cultura portuguesa, a região urbana.

O terceiro capítulo, **Discussão dos debates e diálogos interculturais**, apresenta como os embates se revolvem entre os dois universos culturais na narrativa de Chiziane.

## 1. LITERATURA AFRICANA

O conceito de literatura africana é bastante controverso. Para efeito deste trabalho, significa a “literatura formada de obras que se constroem por meio de elementos da representação da identidade cultural africana, que implica a identificação do continente, frente às modificações impostas pela colonização, seja as que ressaltam estas motivações, bem como os vários processos de deslocamentos e mesclagens delas decorrentes” (FONSECA, 2008, p.11).

As literaturas africanas de língua portuguesa apresentam uma peculiaridade, que consiste na presença de aspectos da história das cinco colônias terem contribuído para sua singularidade, conforme nos lembra HAMILTON (1999).

Relativamente à literatura moçambicana, sua especificidade consiste em ser, nos termos do professor Nelson Saúte “um mosaico de várias culturas, etnias, formas de expressão, linguagens e signos”. Para o autor, “Moçambique é um lugar de cruzamento de diferentes povos, uma encruzilhada de múltiplas influências sociais, um cadinho de numerosas culturas e línguas” (SAÚTE apud CHABAL (1944, p.349).

Tais peculiaridades são, de forma geral, reconhecidas, não apenas por Saúte, mas também por outros escritores e críticos literários e estão presentes na obra de Paulina Chiziane que, além destas, tem se dedicado a problematizar questões inerentes ao universo feminino em Moçambique.

### 1.1. Paulina Chiziane na literatura moçambicana

Reconhecida como a primeira romancista de Moçambique, iniciou suas atividades literárias no contexto do pós-Independência, com a publicação de contos em jornais (MACHADO apud TEIXEIRA, 2011, p. 106).

Suas obras *Balada de amor ao vento* (1990), *Niketche: uma história de poligamia* (2004), *Ventos do Apocalipse* (1999), *O sétimo juramento* (2000), *Alegre canto da perdiz* (2008), conforme já dito anteriormente, são de pouco reconhecimento no Brasil, mas tem sido amplamente estudados nas universidades.

Paulina Chiziane costuma reafirmar, em entrevistas, que seus romances são baseados nas histórias que ouvia quando criança (DIOGO, 2010, p. 174), além do que viu durante a luta de independência de seu país, no qual fez parte como uma jovem militante ativa da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique).

A “contadora de histórias”, como assim se define, nasceu em Manjacaze, província de Gaza, ao sul de Moçambique. Em entrevista a Diogo (2010) afirmou que encontrou diferenças comportamentais entre as mulheres do Norte e do Sul de Moçambique, o que a inspirou a escrever um de seus romances *Niketche: uma história de poligamia* (2004). Tem privilegiado as narrativas de tradição oral, que compreendem a literatura como um modo de reconfigurar as memórias daquela sociedade.

Chiziane também tem dado destaque às mulheres moçambicanas, em seus romances que, por muito tempo, foram vistas apenas como objetos de troca e prazer pelas sociedades patriarcais, além de proporcionar reflexões à cerca do seu papel como participando de diversas vivências, às vezes dolorosas, em busca de posicionamentos sociais (MATA, 2001). Mais ainda: suas obras são marcadas por temas tidos como polêmicos, como lobolo, poligamia e feitiçaria, todos presentes na obra aqui em análise.

De acordo com MACHADO (2007):

Apresentando o que considera temas do “universo feminino”, a escritora faz com que surja uma voz forte e denunciadora, para que todos conheçam personalidades femininas que são meias e dóceis, mas que, ao mesmo tempo, são capazes de lutar por um lugar na sociedade, ao ultrapassar seus próprios limites e transformar sua realidade. Através deste percurso, Paulina Chiziane contrapõe certos valores tribais às diretrizes urbanas e modernas, demonstrando a relação existente entre o passado e o presente. De forma clara, apresenta marca da tradição e, contraditoriamente, da modernidade, com a finalidade de exprimir aspectos da realidade moçambicana. (MACHADO, Alessandra. **Ventos do apocalipse: conexões entre a guerra e a esperança**; Encontro regional do ABRALIC, 2007. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/19/235.pdf> - acesso 08 de maio de 2008)

## 1.2. *O sétimo juramento* (2000): uma abordagem crítica

O enredo de *O sétimo juramento* (2000) se passa em Zavala, na província de Inhambane, ao sul de Moçambique, já no período de pós-Independência, ainda algo recente. Na história, estão aparentemente bem delimitados dois espaços: urbano e rural. Encontra-se situado no meio urbano a sociedade moderna, com costumes e práticas que seguem a linha de assimilação posta pela colonização portuguesa. Já no meio rural se percebem as práticas que evocam as tradições dos povos de origem Banto.

É na cidade que vive David, um ex-guerrilheiro nas lutas pela independência que, no presente se torna um dos diretores de uma empresa estatal. Diante de problemas financeiros, por conta de sucessivos desfalques, ele se vê em apuros, diante de uma iminente greve de funcionários que estão com os salários atrasados há mais de seis meses. Na empresa, os desvios de dinheiro começam a ser expostos, gerando uma desconfiança entre os outros diretores. David, diante de uma lógica pessoal, não se importa com o fato, por acreditar que suas ações são méritos por tudo que foi feito durante guerra de independência. Ele diz: "No tempo da revolução eu investi. Agora estou na fase do egoísmo. Quero colher tudo o que semeei. Este estatuto de director não foi dádiva, foi conquista. Lutei para a liberdade deste povo." (CHIZIANE, 2000. p. 15).

Ele é casado com Vera, uma moçambicana assimilada, e que repudia os comportamentos que levem às práticas tradicionais, fazendo, assim, parte de um sistema cultural moderno, que teve seu conjunto de costumes construído por décadas durante os contextos históricos de colonização e pós-colonização de Moçambique. Os dois têm filhos, dentre eles Clemente, que tem crises, interpretadas como psicológicas, ainda no início da narrativa, e Suzy, uma garota aparentemente saudável. Ambos sofrerão as consequências das atitudes insanas do pai que, ouvindo o amigo Lourenço, recorrerá à feitiçaria para manter seu *status quo* na empresa e sociedade.

Vera é vista por David como aquela "que o representa na esfera pública" (CHIZIANE, 2000, p. 216). Apesar de ter tido uma infância difícil, sendo filha de uma prostituta e pai desconhecido, o seu posto na sociedade a faz desprezar a mulher da classe operária. Ela assim se define:

Nasci da pobreza, mas não tenho a sina de miséria. Tenho um marido que me dá tudo: um orçamento gordo no fim de cada mês, sexo na hora certa, honra, prestígio social. Cada um tem a sua sina e carrega a sua cruz. Essas mulheres sem trela pululando pela estrada grande e na maior das misérias devem ser uma cambada de divorciadas, prostitutas reformadas, mulheres soltas que

desprezaram o casamento para viver com mais liberdade todos os prazeres da vida. (CHIZIANE, 2000, p. 16-17)

Esse primeiro momento da personagem é marcado também por sua submissão ao marido. Vera faz de tudo para agradá-lo, algo que é ironizado na narrativa: "David faz cara de zangado e levanta-se da mesa. Vera persegue-o, como uma cadela ao seu dono. Ajuda-o a vestir-se e a colocar a gravata." (CHIZIANE, 2000, p. 18).

Mesmo com o casamento monogâmico, o ex-guerrilheiro tem uma amante, sua secretária e braço direito, Cláudia, com quem posteriormente, se casará (poligâmia).

David também se envolve com prostitutas, dentre elas, Mimi, uma jovem garota, vítima da guerra. Recolhida por Tia Lúcia, rende-se à prostituição para poder sobreviver ao frio e à fome.

Dona da casa "de refúgio de todas as dores" (CHIZIANE, 2000, p. 48), Tia Lúcia é uma mulher ambiciosa que se aproveita da guerra para obter lucro e torce para que esta se perdue por anos, pois, para ela, a guerra é um bom negócio para prostituição. Pois assim as moças virgens vão ao seu encontro, em busca de um lugar pra se abrigar, pois "negócio de virgens é que dá mais dinheiro e atrai boa clientela, porque os homens com dinheiro têm medo das prostitutas experientes, por causa da doença do século" (CHIZIANE, 2000, p. 53).

Ligando o meio urbano com o meio rural, está Avó Inês (mãe de David). Manifestando traços culturais por meio da oralidade, vive em permanente conflito com Vera, com que encontra dificuldades para conversar, dado o desprezo que sua nora tem pelas práticas culturais africanas, que jamais são abandonadas pela Avó, que assume uma atitude de crítica em relação aos "novos tempos":

O rosto da velha ganha uma ligeira tristeza. Sempre que tenta comunicar, não encontra espaço. Os jovens dizem que as ideias dos velhos são fábulas, mitos, cantigas de embalar. A vida moderna torna as gerações incomunicáveis. A nova língua afasta as pessoas de suas origens. (CHIZIANE, 2000, p. 30).

Com seus conhecimentos, Avó Inês consegue perceber os problemas que acontecem dentro da casa de David, inclusive os ataques que atingem Clemente. Para Avó Inês, o neto é dominado por uma possessão e terá de ser assistido por um curandeiro (que vive no meio rural), questão sobre a qual Vera, a princípio, despreza e silencia.

Percebendo que as possessões do filho aumentam, à medida que David vai se envolvendo, cada vez mais com a feitiçaria, para auferir benefícios próprios, Vera acaba se rendendo aos conselhos de Avó Inês e segue em busca de ajuda, “retornando ao ninho”.

Adentrando pelo meio rural, após alguns contratempos, Vera entra em contato com uma feiticeira (Moya), que interpreta as alucinações de Clemente, dando-lhe conta de serem manifestações de um “iniciado”.

David, completamente encantado com a feitiçaria se envolve com a filha, Suzy, com quem manterá um relacionamento incestuoso, cumprindo assim o prescrito pelo feiticeiro no “sétimo juramento”. Ao todo, na narrativa os outros seis juramentos feitos realizados são: batismo; juramento da bandeira; matrimônio; lutar de independência; servir a nação; agir com competência e zelo na tomada de posse como diretor da empresa. Por último, no sétimo juramento, David firma o seguinte compromisso:

- Matarei a minha mãe, meus filhos e todos aqueles a quem amo, se esse for o desejo dos deuses. Hei-de transformar o seu sangue em ouro, para que a riqueza corra nas mãos dos deles como águas do rio (CHIZIANE, 2000, p. 168).

Em resumo, este sétimo juramento consiste na total destruição de sua família, sendo o único meio pelo qual David entende como meio de ascender ao poder, sua maior ambição.

## 2. OS BANTO E A INTERFERÊNCIA DA CULTURA PORTUGUESA

Habitando a região ao sul de Moçambique, mais precisamente na província de Inhambane, os grupos se estenderam neste espaço que está representado no romance em apreço (vide mapas abaixo), o qual traz constantes atribuições à cultura tradicional dos povos banto, principalmente quando se trata do valor familiar, como é percebido neste trecho da obra:

Os bantu colocam a vida humana acima de todas as coisas. Dizem que os filhos valem mais que qualquer fortuna. Que o nome vale mais que a libra, o dinheiro mais forte do mundo. Um bantu que se preza tem muitos filhos para nomear os antepassados da família e trazer à luz todos os mortos adormecidos. No mundo dos bantus a pessoa não nasce. Renasce. E recebe o nome de um morto antigo, porque nome é veículo de reencarnação (CHIZIANE, 2000, p. 60-61).

Ressaltando as características acima citadas, a narrativa de Chiziane não denomina banto à um grupo de tronco linguístico (com mais de 2000 línguas, conforme Lopes), mas, sim, a um grupo étnico com características próprias, conforme o mapa:



Fonte: INHAMBANE, Portal do Governo da Província de. Província de Inhambane. Disponível em: <<http://www.inhambane.gov.mz/front-page>>. Acesso em: 23 out. 2014.

Não se sabe ao certo onde e quando surgiram os primeiros grupos de povos banto, mas acredita-se que partiram, inicialmente, de Camarões e Nigéria e se tornaram um dos grupos étnicos mais populosos da África, que possuem características e manifestações culturais específicas em comum, além da língua materna banto.



(ALTUNA, 1985?, p. 9).

O termo banto traz a união do radical “ntu”, comum nas línguas banto e tem como significado *homem, pessoas humanas*, com o prefixo “ba”, que forma o plural da palavra “muntu” (homem, pessoa), formando assim banto, que significa *seres humanos, homens, pessoas, povos*. Desse modo, fica entendido que os banto não designa uma raça, mas um povo que mantém durante séculos suas peculiaridades coletivas vivas (Ibidem, p.17).

Altuna (1985?) afirma que os banto diversificam-se a partir do meio em que vivem e de alterações sofridas ao longo dos anos, mas permanecem com um “(...) fundo de crenças, ritos e costumes similares, uma cultura com traços específicos e idênticos que os assemelha e agrupa, independentemente da identidade racial” (ALTUNA, 1985. p. 18).

Uma das principais características desses povos é a conservação da tradição oral, que consiste na transmissão do passado, culturas e sabedorias de um grupo por meio da oralidade, o que é bastante perceptível na palavra de Avó Inês, em suas tentativas de se comunicar com a nora Vera, a princípio, em vão.

A oralidade, no caso, não significa apenas um meio de comunicação, mas de um aspecto cultural de uma civilização que se baseia na palavra, que se ocupa

nas manifestações artísticas, no culto religioso, na magia e na vida social. Para além do seu grande valor dinâmico e vital, é praticamente o único meio de conservar e transmitir o património cultural. Assim se compreende o predomínio da história na África negra. (ALTUNA, 1985?, p. 34).

Dos muitos aspectos que podem ser abordados sobre a sociedade banto, este trabalho destaca o seguinte: a religiosidade e as relações sociais, ambos tendo sofrido processo de modificação com a colonização, que serão discutidos nos tópicos a seguir:

## 2.1. Religiosidade banto

A vida dos banto está diretamente atrelada às práticas religiosas. A vida, o princípio-base da cultura banto é vista como sua maior aspiração, que foi concebida por Deus. Até o momento de sua morte, o homem banto busca viver uma vida plena e harmoniosa, tanto de modo individual como na comunidade, conforme nos lembra Altuna:

A civilização banto busca a imersão do homem, com todo o seu ser, na natureza, em Deus, nos antepassados, na comunidade, em si mesmo. A ali, bebe sem pressa até à embriagues, o doce e reconfortante licor da vida A participação inter-activa forma o núcleo inicial do humanismo e da antropologia banto. (ALTUNA, 1985?, p. 51).

Assim sendo, a compreensão da religiosidade banto é fundamental para o entendimento do caminho da cultura tradicional desse povo, pois, a religião tradicional faz parte de sua existência, tendo em vista que a fé se resume na visão espiritualista de todas as coisas do universo (ALTUNA, 1985?).

Em *O sétimo juramento* (2000) a espiritualidade banto é marcante, por exemplo: no momento, Clemente, filho de Vera e David, fica fora de si e diz ver coisas que ninguém mais consegue enxergar, Avó Inês, compreendendo toda a mística que envolve o neto, sugere Vera levá-lo a um curandeiro por acreditar que há um espírito manifesto que o envolve. Vera, no debate com a Avó, rebate:

– Consultar um adivinho é uma tentação que me devora. Mas também me pergunto sobre a eficácia de uma consulta de adivinhação. Haverá mesmo necessidade de dar as costas à ciência que até hoje deu respostas a todos os meus problemas?

- Essa tua ciência, que resultados trouxe para o Clemente? As consultas de psiquiatra intoxicam a criança com remédios inúteis, são um fiasco, não resolvem nada. Há coisas que os remédios não curam. Há fenómenos da vida simplesmente inexplicáveis. Há coisas que as buscas humanas não alcançarão jamais, verdadeiros segredos dos deuses.

(...) – Os espíritos fazem a vítima sofrer. Abrem caminhos, fecham caminhos, transtornam. (p. 58)

Essa crença religiosa que a personagem Avó Inês tem em seres espirituais foi o que Edward Burnett Tylor denominou de animismo, que é um dos elementos das variadas manifestações das crenças banto que foi, por muito tempo, considerado um conjunto de superstições dos homens negros, que iam ao encontro da feitiçaria:

“Afirmava-se que essas crenças não trazem nenhuma contribuição, porque a sua religiosidade não ultrapassou o feiticismo tosco e elementar” (TYLOR apud ALTUNA, 1985. p. 356).

No animismo acredita-se que os espíritos têm influência aos acontecimentos na Terra e se divide, segundo a teoria de Tylor, em dois “grandes dogmas”, que consistem em um princípio: o primeiro dogma trata-se de uma existência da alma após a morte do corpo, como uma vida espiritual contínua, que podemos perceber na explicação dada por Avó Inês à Vera sobre o estado psicológica de Clemente; o segundo dogma se diz respeito aos espíritos que, após a morte no mundo material, se elevam a um nível de divindade espiritual. E que no caso de *O sétimo juramento* (2000) se exemplifica numa conversa entre David com Nwamilambo, a serpente (CHIZIANE, 2000. p. 169), esta que aparece à ele como uma divindade que promove efeitos no mundo visível:

- Eu é que apaguei as velas, naquela madrugada fatal. Eu é que mandei a cobra negra no lugar onde ias atirar os objectos do culto. Ajudei-te a abrir os cofres da fábrica e tirar o dinheiro. Afastei o perigo de guerra durante a viagem.” (CHIZIANE, 2000. p. 169-170)

O Animismo, vale lembrar, não designa todas as crenças da religiosidade banto, mas sim uma das concepções de mundo desses povos.

Portanto, as diversas definições para o que seria essa religião tradicional não são nada mais que um grupo de religiões que encontram diversos elementos que possibilitam diferenciações devido o modo que estas se manifestam, dentre elas os nomes de Animismo, já explicado acima, o Ancestralismo e Feiticismo, que terão um enfoque neste capítulo.

Assentado no Ancestralismo, o homem negro africano tem a crença de um único Deus, um ser onipotente, e que há os antepassados, que servem como intermediários entre Ele e o mundo visível, conforme Altuna (1985?).

No romance em epígrafe, há uma passagem em que a crença é apresentada:

Deus está longe daqui, dizem. Nem os pássaros, nem as naves espaciais o conseguirão alcançar, jamais. (...) Mesmo que fosse acessível estaria tão ocupado com as preces de cada alma que levaria milhões de anos-luz a responder aos anseios de cada habitante do sistema solar.

Por isso colocou os antepassados como seus ministros principais. Colocou os defuntos e outros deuses à altura dos homens para mais depressa socorrerem os problemas do universo. A eles cabe o papel intermediário entre homem e o Deus maior. (...)

Se os mortos falam com os seres terrestres em zulu, ndau e nguni significa que é nessas línguas que comunicam também com o Deus maior no momento da prestação de contas. Deve ser ndau. Ou nguni. Ou zulu. Numa só palavra, o Deus supremo fala as línguas bantu. Ele também é bantu. (CHIZIANE, 2000. p. 106)

No trecho acima, há essa percepção do que foi colocado por Altuna: a crença de um único Deus que tem os antepassados como intermediários para ajudar nos problemas daqueles que vivem na Terra. Além disso, observa-se a crença de que o Senhor supremo é banto, devido à língua com que os mortos se comunicam com os intercessores, a mesma língua dos povos banto.

Dois pontos a serem destacados no contexto do Ancestralismo é que normalmente se tornam ancestrais pessoas muito velhas, de vasto conhecimento; o outro ponto se relaciona a denominação, pois, embora sejam temidos e adorados, os antepassados nunca são chamados de deuses e nem estão presentes no céu. Acredita-se que eles ficam em locais mais afastados, em contato com a natureza. Além disso, vale destacar que o Ancestralismo não se trata de politeísmo, como defende Altuna (1985):

O negro africano reconhece apenas um Deus Criador e muitos intermediários entre Ele e o mundo visível, os quais contudo nunca podem ser “deuses”. É como se qualificássemos de politeísta o católico que venera e tem como advogados os santos e os nomeia patronos de Estados, vilas ou actividades humanas. Os negros fazem uma clara distinção entre as atribuições e personalidade do Único Deus e as dos intermediários, por muito poderosos que sejam. (ALTUNA, 1985. p. 362)

Além das crenças acima citadas, o romance apresenta uma manifestação recorrente em África: a feitiçaria, que Altuna se referiu ao Feiticismo, que “deriva do vocábulo português ‘feitiço’ (...), com significado e encanto mágicos e que, além disso, são objecto de culto.” (ALTUNA, 1985, p. 360). O feiticismo, para o banto, não passa de um aspecto parcial de sua cultura, não tendo algum significado, que entende-se pelo uso de feitiços, que são, nada mais que, objetos feitos a mão possuíentes de uma força vital “manipulável para atacar ou defender-se, proteger ou propiciar, que os converte em objectos mágicos-eficazes” (Ibidem, 1985?).

Chiziane situa o leitor quanto a feitiçaria, no modo de realização de rituais que têm como finalidade a obtenção de algo, que normalmente resulta forças contra o outro, também chamada de magia negra. No enredo a prática é realizada por David, que

pretende derrubar todos os diretores da empresa que desconfia serem traidores, para ter novamente o poder em suas mãos.

Intermediando as práticas religiosas do grupo banto, ainda podem ser citados: o curandeiro, o adivinho e o feiticeiro. Os três estão presentes em *O sétimo juramento*.

O curandeiro ocupa na cultura banto o papel do médico. É aquele que cura, como já diz o nome, mas utilizando-se de elementos naturais. Sua sabedoria, herdada pelos antepassados, o faz ser privilegiado e respeitado. As doenças, para os curandeiros, são causadas por uma força vital, entendida num contexto cultural e religioso desses povos. Na obra estudada, o curandeiro é indicado por Avó Inês quando vê o neto possesso, para que ele acalme o espírito. Esse tipo de ação também pode ser controlada por esses agentes: “Tem primazia a palavra-fórmula, a palavra-mágica que vitaliza os medicamentos e garante a eficácia do sacrifício ou ‘chama’ o ser do mundo invisível que, uma vez denominado-identificado, pode ser acalmado” (ALTUNA, 1985?, p. 580).

O adivinho pode confundir-se com o curandeiro, de modo que este também conhece segredos para a cura. Mas para além disso, o adivinho tem o poder de comunicação religiosa que aproxima os mundo visível e invisível, e conhece o que é desconhecido na visão de um homem comum. Chiziane expõe na narrativa o modo como se dá a adivinhação:

O adivinho prepara o primeiro lance. Diz palavras invocativas em gestos de cantigas. Palavras santas. Reina um silêncio pesado, nervoso. O adivinho lança os ossos e conchas que rolm na esteira numa linguagem muda. (...) Aponta os ossos e explica:

- São seis homens rodeando-te: súbitos prestando vassalagem. São seis homens invejando-te: inimigos. É uma multidão te aclamando: servos, admiradores. És rei! Serás ainda mais rico e terás muitos homens sob o teu comando. (CHIZIANE, 2000, p. 84).

O feiticeiro é o especialista temido pelos povos banto. O homem de uma sabedoria e especialidade na chamada magia negra, que usa das forças negativas para ações de má fé. Na cultura tradicional bantu, é um ser desconhecido, que ninguém nunca viu. Uma lenda ou símbolo que não faz parte da realidade, mas que transmite um medo que só pode ser enfretado pelo adivinho ou curandeiro, pois o feiticeiro possui uma força maligna de grande poder, que causa males inexplicáveis.

Na sociedade banto, a crença da existência do feiticeiro se deve a presença do mal. Ele existe para explicar mistérios da vida. No romance, o feiticeiro é apresentado, mesmo que seu nome remeta a lendas e histórias de terror (ALTUNA, 1985?, p. 599).

Após passar pelas provas impostas David escuta o discurso de Makhulu Mamba, apresentando o mundo da feitiçaria:

- Nós abrimos caminhos. Fechamos caminhos. Protegemos. Punimos. Elevamos a posição dos nossos membros. Pertencem à nossa confraria os milionários. Os ditadores de políticas de todo o mundo. Os poderosos da maior parte das esferas da vida. No nosso mundo não há barreiras de espaço nem de tempo e comunicamos com todos os mundos que queremos. Controlamos os cérebros dos nossos adversários. Somos aqueles que escaparam à sentença original, porque conseguimos descobrir a fruta da árvore da vida e vivemos eternamente. (CHIZIANE, 2000, p. 171)

## 2.2. A sociedade banto

Como grupos sociais de caçadores, colheitores, agricultores e criadores de gado conforme afirmam Costa e Silva (2006) e M'Bokolo (2009), não é de se estranhar que eles tenham permanecido no meio rural, espaço que lhe são destinados na ficção de Chiziane, em oposição de espaço citadino, onde aparentemente se estabeleceu a estrutura colonialista.

Como já citado no capítulo anterior, a vida é o essencial de tudo e o valor maior para o homem dos povos banto, independentemente de sua raça.

A mulher banto tem um lugar honroso devido o seu dom da maternidade, além de ser a responsável pela tradição e vida dos antepassados, sobretudo na prática de contar histórias “em volta da fogueira”, tantas vezes mencionadas em entrevistas por Chiziane.

Como exemplo na história, Avó Inês apresenta seu papel como mãe banto que guarda as tradições e repassa para as novas gerações. As constantes conversas com o neto trazem à tona as crenças que há muito são repassadas dentro do seu grupo:

Procura na mente histórias de encantar, mas a memória corre para o passado de mistérios e de verdades ocultas. Diz ditador e fábulas. Embala-o. Diz que a vida é como a água, nunca esquece o seu caminho. A água vai para o céu mas volta a cair na terra. Vai para o subterrâneo mas volta à superfície. A vida é um eterno ir e voltar. O corpo é apenas uma carcaça onde a alma constrói sua morada. (CHIZIANE, 2000, p. 26)

Também visto como uma prática recorrente e problematizada, nas obras de Chiziane, estão o lobolo e o casamento polígamo.

O lobolo consiste no homem tomar a mulher para si, como em um matrimônio, mas de modo negociável. Na citação abaixo, a narrativa coloca o leitor a par do que é esse momento passado por mulheres, numa (aparente) incorporação das vivências de Chiziane:

Lobolo é casamento. E como todos os casamentos do mundo é um contrato de desigualdade e injustiça, em que o homem jura dominar a mulher, e a mulher jura subordinar-se e obedecer até o fim de seus dias. Nesta cerimônia, as mulheres cantam e choram, porque o lobolo-casamento é um adeus e à alegria. Como todos os casamentos do mundo, as canções do lobolo são tristes. Falam de dor e de sofrimento. Da saudade da mãe, da avó, do pai, dos irmãos. Falam da partida e da viagem por caminhos desconhecidos. A mulher lobolada

também chora, por um desgosto que ainda não conheceu, mas que sabe que há-de conhecer. (CHIZIANE, 2000, p. 90)

Além de Vera, apesar de monogâmico, David, na prática, exerce a poligamia ao tomar como esposa Cláudia, a secretária da empresa que ele dirige, e que espera um filho seu. Também, como lá acenado antes, se envolve com Mimi, órfã da guerra pela independência de Moçambique.

Vera, Mimi e Cláudia são mulheres distintas tanto no aspecto social, quanto às relações com David, que diferenciam. Vera, dentro do espaço social, é aquela cujo marido apresenta à sociedade, acompanhando-o nos eventos de prestígio; a relação dos dois é conflituosa e ela está para ele como a boa esposa que cuida do lar e que, de vez em quando, fala bobagens, que são caladas com um tapa. Mantida com exclusividade por David, Mimi é a jovem prostituta no bordel de Tia Lúcia. Já Cláudia é seu objeto de prazer, a amante que o ama em silêncio e o ajuda dentro da esfera de trabalho, alertando-o dos problemas da empresa.

A posse de mais de uma esposa é o que Altuna (1985?) dá significado ao termo “poligamia”. Refere-se aqui a um homem, ou a uma mulher, que possui mais de uma esposa ou esposo. Aceitável e comum dentro da cultura tradicional banto, aparece em dois modos: de maneira sucessiva ou simultânea. A poligamia sucessiva é quando o homem toma uma outra mulher após deixar de ter relações sexuais com a antecessora, de modo que esta primeira, ou primeiras, não perde seu valor como esposa. Já a poligamia simultânea é aquela em que o marido toma, em sequência, mulheres para substituir a outra, deixando assim uma ausência de qualidade de esposa (ALTUNA p. 346).

Com o período de colonização portuguesa, a emergência das práticas da religião cristã levou à constituição do modelo de família nuclear ocidental, a partir dos casamentos monogâmicos. Em *O sétimo juramento*, Vera e David casaram-se através da cerimônia cristã.

David, apresentado como um ex-guerrilheiro, que teria lutado pelos ideais da Independência, adere ao jogo de poder que, antes combatera, tornando-se interesseiro, ambicioso, sem comportamento moral/ético, convivendo com essa dubiedade de padrões por meio da própria amizade que mantém com Lourenço, filho de feiticeiro e corrupto, pois se beneficia de uma saber ancestral para enriquecer a si mesmo.

Vera, por sua vez, renega o seu passado e seu aprendizado nos moldes da Avó



Inês, convertendo-se em uma assimilada, ou seja, absorve os ditames da cultura ocidental. Entretanto, em vista do revés sofrido na própria família, pela situação do filho, acaba dividida entre os dois mundos (banto e ocidental).

### 3. DISCUSSÃO E DEBATE INTERCULTURAIS: UMA LEITURA CRÍTICA

Em *O sétimo juramento* (2000) há dois espaços bem definidos: o meio urbano e o meio rural. No meio urbano, estão presentes: a noção de família nuclear (família de Vera e David, aparentemente cristãos convertidos e monogâmicos), sede das empresas estatais que se utilizam de trabalho assalariado e as missões religiosas. É aqui que se percebem a corrupção, nos mais diversos níveis: político, social, ético e moral; os ninchos e a miséria que levam às práticas de prostituição, tida por sua condutora como um grande negócio da guerra. Foi também aqui que se instalou, de forma mais clara, as práticas trazidas pela colonização: os costumes religiosos (cristãos), a assimilação cultural portuguesa, que gerou, inclusive, prática de racismo entre os novos grupos sociais (assimilados e não-assimilados).

O espaço rural, por sua vez, é onde se recolheram os povos banto, aparentemente sem nenhuma interferência de modelos coloniais, sobretudo no que se refere a certos espaços específicos (ndombas/palhota sagrada, templo, p.80), além de objetos de uso em rituais (mutundos/baú de curandeiro; magonas/cabaças com ugentos espíritos; e lugares de culto. CHIZIANE, 2000, p.80). É aí, também, que se preserva a religiosidade (para o “bem” e para o “mal”), juntamente com costumes e saberes, mantidos pela oralidade.

Transitando entre os dois espaços, estão Lourenço e Avó Inês, cada qual com uma motivação. Além deles, se dirigem, por um nível de interesse próprio, o padre, David e Vera.

Diante do contexto dos lugares apresentados, o que acontece, nesse pós-independência recente de Moçambique representado na obra de Paulina Chiziane?

### 3.1. Meio urbano

É no meio urbano que acontece toda a reconfiguração dos costumes em decorrência da presença do colonizador português. Por exemplo, a personagem Vera: é nela que subjaz todo o processo de assimilação, ou seja, a submissão à cultura de prestígio colonial. Ou segundo suas próprias palavras:

- (...) Sou filha de ninguém e neste momento não tenho ninguém. Sou filha de um pai cujo nome não figura nas pedras da vida. Sou filha de uma prostituta reformada e jamais conheci o meu pai. De onde venho eu? Nem eu sei. Sou um ser sonâmbulo, sem passado nem futuro. (CHIZIANE, 2000, p. 202)

O fato de ela se tornar uma assimilada, aparentemente, se deve à sua situação de pobreza social, a qual ela renega, buscando na adesão aos valores colonialistas uma espécie de “salvação” para si, porém, seu estado de “deformação psicológica” é tal, que a faz desprezar seu próprio povo. Nesta submissão cega, é possível vislumbrar prática de racismo implícito.

Vera traz em si o sentimento de inferioridade cultural, sendo banto, e, pela assimilação, converte-se em alguém de “pele negra, máscara branca”, lembrando uma forma de se referir ao processo de assimilação referida por Frantz Fanon (2008) e, assim, evita lembrar seu passado.

Esse pensamento está de acordo com o que pensa Renate Zahar (1976, p. 13), para quem “os colonizados cedendo à constante pressão institucional e pessoal de discriminar, se apropriam efetivamente das características que lhes atribui o preconceito”.

Quanto à David, o personagem é apresentado de uma forma ambígua: em sua fala inicial, ele se diz guerrilheiro que lutou nas guerras de independência, menciona, inclusive, seu “juramento da bandeira” (CHIZIANE, 2000, p.152), porém, ele também teria estado ao lado dos portugueses, na condição de soldado, quando “ordenava incêndios (...) para libertar a terra do adoradores das trevas” (CHIZIANE, 2000, p.80), sempre tentando “se dar bem”, ou seja, agir em benefício próprio. Seu oportunismo e descaso moral é tal que, casado com Vera em moldes cristãos, e constituindo a família nuclear, afirma: “Serei um polígamo, sou polígamo a partir de agora. Vera sofrerá mas acabará compreendendo. Somos bantus e poligamia é a nossa cultura” (CHIZIANE, 2000, p.122).

Tia Lucia, da mesma forma que David, aproveita-se de uma das situações mais trágicas da guerra: crianças (meninas) abandonadas pelos pais, possivelmente, mortos nos conflitos armados (Mimi, a jovem com quem David se relaciona, é um exemplo dessa prática); ou até mesmo vítimas de situação de exploração social, como filhas de operários, que não recebem salários (“há seis meses”, CHIZIANE, 2000, p. 14), o que os faz levá-las à prostituição.

### 3.2. Meio rural

É no meio rural que se dão as práticas culturais dos banto. É onde, também, estão presentes o curandeiro, o adivinho e o feiticeiro, é a eles que se dirigem dois habitantes da cidade (David e o padre), e um outro que nela conquista bens materiais e prestígio social – Lourenço, a serem descritos abaixo.

David, aconselhado por Lourenço para resolver os problemas em sua empresa, recorre à feitiçaria, com uma razão particular, mostrando que é um indivíduo sem moral e sem ética, em relação a quaisquer valores postos: cria justificativas para que suas ações se revertam em benefício próprio.

O padre (aqui interpretado de forma generalizada, já que não tem nome), procura o feiticeiro para, possivelmente, usufrir bens próprios, já que vai ao encontro, justamente, daquele que faz “trabalhos de magia”, “com um fim específico, o que, na maioria das vezes, se traduz por ‘fazer o mal ao próximo’”. (Professor Bas’Ilele Malomalo, explicação fornecida em comunicação oral, dia 30 de outubro, Unilab).

Lourenço, apresentado por David como “economista” (CHIZIANE, 2000, p.43), ao contrário deste e do padre, e sendo filho de feiticeiro, reside na região de Massinga, “a terra dos grandes mágicos”, (CHIZIANE, 2000, p.135), onde constroi uma luxuosa mansão - instalada “entre plantas raras e tratadas com primor” (CHIZIANE, 2000, p.137) e jamais aberta aos consulentes de seu pai. Atrai, empresários (e padres com outros interesses que não religiosos), em apuros econômicos, para a magia “de negócios” para, daí, conquistar grande fortuna e bens para si e para os seus.

### 3.3. Entre o Urbano e o Rural

Na intermediação dos espaços, está Avó Inês. Ela pode ser interpretada como a metáfora da resistência aos costumes impostos pela colonização, pois, reconhecendo-se como banto, tem convicção dos seus valores culturais, se contrapondo ao sistema opressor, que a muitos obriga à assimilação. Esta constatação aparece em suas falas, por meio das quais recorre à memória (tradição oral) e penetra no espaço adulterado (o meio urbano/ cidade; casa de David e Vera) e o transforma, a partir do momento em que convence Vera a recorrer a ajuda dos saberes banto. É ela que dá início ao processo de “re-transformação” de Vera que, aos poucos, deixa de ser uma assimilada e começa a se reconhecer dentro da cultura banto, quando aceita que o filho Clemente é, na verdade, um “iniciado” religioso. Nesse momento, Vera aceita os dois “universos culturais”, transitando entre os dois espaços, indo aos Banto para socorrer o filho. Este, mesmo tendo sido criado sob influência de seus preconceitos, será melhor compreendido pelo mundo banto.

Por fim, nos embates expostos, quem, afinal, anuncia, de fato, os novos tempos, já que estes não necessitam de dissensões, mas, sim, de diálogos ?

No lado das dissensões estão David, Lourenço e Tia Lúcia: sempre visando a tirar proveito próprio, de toda e qualquer situação, sem nenhum compromisso com o momento político vivido pelo país, eles, pouco a pouco, serão ou eliminados pelas forças locais (caso de David) ou se reconverterão (a guerra acaba; a prostituição vai, aparentemente, findando, aos poucos).

No lado do “diálogo intercultural” é Avó Inês que está em busca de intermediar os dois espaços, a ponto de trabalhar a reconsciência de Vera, como já foi mencionado, e que, em sua tomada de consciência, diante a tensão doméstica, envolvendo os filhos, segue os conselhos “ da mais velha/ a tradição, e se reconcilia consigo mesma.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aceitação dos valores impostos pelos colonizadores era uma necessidade que tinha de ser enfrentada pelos nativos, que se encontravam num processo de alienação, os quais faziam abandonar suas instituições tradicionais, o que era parte da política imposta pelo poder colonial.

*O sétimo juramento* (2000) aborda diversos aspectos que tem, por fim, conduzir o debate do processo de colônia à pós-colônia, que pode ser interpretado como denúncia ao resultado do processo injusto da colonização, em vários sentidos. A narrativa é um sistema opressor ao processo de colonização, que deixou rastros aparentemente enraizados no pós-independência recente de Moçambique.

Diante desse caos, a guerra teria gerado, de acordo com a narrativa, a possibilidade de um diálogo intercultural por meio de reconhecer que há valores tradicionais fortemente presentes (grupo étnico banto) e que a colonização trouxe novos valores à Moçambique. Esse diálogo é promovido de Avó Inês, que não se dilacera com o poder das “novas linguagens”. Ela participa dos dois lugares sem entrar em conflito com nenhum deles. Na verdade, ela “mimetiza” o aprendizado da colonização, e, conforme Homi K. Bhabha, funciona como a grande mediadora dos dois extremos interculturais. E o melhor exemplo disso é seu neto, que foi educado em moldes brancos e acaba conhecendo e aderindo ao percurso indicado pela Avó. A Avó Inês pode ser interpretada como um novo retrato de Moçambique.

O romance também trouxe à tona as situações de oportunismo, que surgiram com a guerra, um momento em que os participantes desta se aproveitaram de situações para ter algum tipo de poder, como foi bem apresentado o caso de David.

## REFERÊNCIAS

ALTUNA, P. Raul Ruiz de Asúa. Cultura tradicional Banto. 2ae. Luanda: Secretariado arquiocesano de Pastoral, 1993.

BHABHA, Homi K.. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ufmg, 1998.

BRATKOWSKI, Bianca Rodrigues. O ANTES E O DEPOIS DA INDEPENDÊNCIA: VIVÊNCIAS E TRADIÇÕES NA LITERATURA MOÇAMBICANA. **Boitatá: Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL**, Londrina, v.3, 0.102-113, jan. 2012.

CHABAL, Patrick. **Vozes moçambicanas**. Lisboa: Veja, 1944.

CHIZIANE, Paulina. **O sétimo juramento**. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

COSTA E SILVA, Alberto da. **A enxada e a lança: a África antes dos portugueses**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

DIOGO, Rosália Estelita Gregório. Paulina Chiziane: as diversas possibilidades de falar sobre o feminino. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 14, n. 27, p.173-182, 2010.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONSECA, Maria Nazaré Soares: **Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.

HAMILTON, Russel G. **A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial**. Rev. Via Atlântica. São Paulo: N.3, 1999.

INHAMBANE, Portal do Governo da Província de. Província de Inhambane. Disponível em: <<http://www.inhambane.gov.mz/front-page>>. Acesso em: 23 out. 2014.

LOPES, Nei. **Bantos, Malês e Identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008

MATA, Inocencia. O SÉTIMO JURAMENTO, DE PAULINA CHIZIANE – UMA ALEGORIA SOBRE O PREÇO DO PODER. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p.187-191, 2001.

M'BOKOLO, Elikia. **África negra: história e civilizações**. São Paulo: Casa das Áfricas, 2009 (Tomo I).

MALOMALO, Bas'illele. Explicação fornecida em comunicação oral, dia 30 de outubro, Unilab.



TEIXEIRA, Izabel Cristina dos Santos. **Ecos feministas na literatura moçambicana contemporânea**. Florianópolis, SC, 2011. Tese de doutorado.

ZAHAR, Renate. **Colonialismo e alienação**. Lisboa: ULMEIRO, 1976.